

CARTAS A OSVALDO ANDRÉ DE MELLO

Prof^a. Dr^a Alba Valéria Niza Silva
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: Pretendemos discutir no texto a seguir a presença de autores e obras que, a partir da pesquisa realizada, do material levantado nos arquivos do escritor, de modo especial as cartas, demonstram peso significativo na produção literária do poeta Osvaldo André de Mello.

Palavras-chave: Osvaldo André de Mello; Cartas; Poesia.

Abstract: In the following text we intend to discuss the presence of authors and opuses that, from the research that was made, from the material raised from the writer's files, the letters in a special way, show significant influence on the literary production of the Osvaldo André de Mello poet.

Keywords: Osvaldo André de Mello; Letters; Poetry.

1. A carta enquanto gênero textual

A carta, como gênero textual, atesta o desejo humano de permanência, assim como a poesia. A diferença entre ambas, entretanto, é explicada por Maria José de Queiroz, no prefácio às *Cartas à Noiva/Rui Barbosa* (1982):

Instrumento e meio de comunicação pessoal e confidencial, quando não secreto, a carta escapa à divulgação a que necessariamente se sujeitam os gêneros literários. E ao lograr publicidade cumprem, freqüentemente, função ancilar: qual seja, a de iluminar episódios e eventos biográficos – velados ou ignorados -, explicar peculiaridades de comportamento, justificar inclinações, ojerizas, compromissos e hábitos de vida. Mais: o recuo a que geralmente obriga, pois a correspondência pessoal nunca se difunde nem se publica à data da redação, implica solução de continuidade e mudança de perspectiva. A história da epistolografia padecerá portanto de todas as vicissitudes e dos vícios decorrentes¹.

Por ser datada, a carta, de certa maneira, atualiza o passado. Através das suas letras, ao leitor será possível rever e rearranjar fatos, posicionamentos e impressões. Queiroz acrescenta que:

Os dados biográficos – acidentais ou de rotina, conscientemente escamoteados ou não - emergem de um fundo permanente de

¹ QUEIROZ, 1982, p. 10.

reserva e de sigilo. À devassa da indiscrição ou da curiosidade descortina-se o universo moral do processo e da confissão, implícito no enunciado singular².

Maria José de Queiroz menciona três tipos de autores de carta: “aqueles que delas se servem para expor ideias; os que, tendo poucos fatos a contar, transformam em maravilhoso relatório os mínimos incidentes de uma vida (...); e aqueles, finalmente, que escrevem porque não podem fazer outra coisa, e lançam o próprio eu, comovente e vivo, na sua correspondência”³. É preciso que se registre a existência de uma mistura desses tipos. Pensamos que se encaixa, aqui, a primeira definição, mesclada à terceira, por se tratar de correspondências em que predomina a visão ou a impressão que as poesias de Osvaldo André – destinatário - causaram a seus leitores - remetentes.

Em *À Margem da Carta*, Walnice Nogueira Galvão (1998) reitera o inestimável valor das missivas para os estudos literários e, citando vários autores que se utilizaram desse gênero, dentre eles Mário de Andrade, diz:

Contam-se aos milhares, dirigidas aos principais contemporâneos modernistas, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Rodrigo de Mello Franco, etc., ou mesmo aos da geração seguinte, como Fernando Sabino. “Nenhum outro epistológrafo brasileiro escreveu com tal profusão e com tal originalidade”, na afirmação de Drummond⁴.

Walnice Nogueira afirma que, nas citadas cartas, Mário de Andrade “aconselha, admoesta, comenta, discorda, prega, teoriza, doutrina, corrige poemas e escritos”⁵. Partindo do que foi dito, acreditamos, como a ensaísta, encontrar, nas cartas, importantes elementos para construção ou reconstrução de biografia, ideias e teorias não influenciadas pela forma estética e “um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita” (p. 156). Tudo isso reforça a ideia de que elas possuem importante “peso” para os estudos literários e:

Acrescente-se que quem se dedica a esses estudos acaba por tornar-se aficionado de tudo quanto seja não só carta, mas também memórias, diários íntimos, resenhas, rascunhos,

² QUEIROZ, 1982, p. 11.

³ MAUROIS apud QUEIROZ, 1982, p. 11.

⁴ GALVÃO, 1998, p.155.

⁵ GALVÃO, 1998, p.155.

biografias, listas de palavras, anotações, manuscritos em geral. Em suma, por qualquer material paralelo à obra literária⁶.

A afirmação acima reitera e valida o viés adotado por nós neste estudo. Galvão salienta, ainda, que, na maioria das vezes, em se tratando de pesquisa, chega-se às correspondências por mero acaso que logo se transforma em necessidade. Podemos dizer que algo semelhante nos aconteceu, pois, o interesse primeiro deste estudo, enquanto ainda projeto, restringia-se ao acervo e sua marginália, bem como aos manuscritos do autor em estudo. Diante dos “papéis” do poeta, constatamos a numerosa e valiosa correspondência que será, em parte, transcrita e analisada a seguir.

Não há como negar que a vida deixa marcas na obra de um autor, e estas podem ser utilizadas para compreendê-lo, ao mesmo tempo em que a produção pode trazer à tona aspectos “obscuros e silenciados na vida do escritor”⁷. No caso desta pesquisa, a correspondência em análise é a passiva, que se traduz em análises de “pontos de contato, que carregam seus encantos enlaçando vida (bio) e obra (grafema) (...) Já não mais estaríamos na pretensa busca de verdades inabaláveis, mas pormenores, traços biográficos, alguns gostos e inflexões. E mais: revelados não pelo escritor, mas pelo leitor”⁸.

No prefácio de *Correspondente contumaz: Cartas a Pedro Nava (1925-1944)*, escritas por Mário de Andrade, o organizador, Fernando da Rocha Peres, ressalta o valor de testemunho dessas cartas, de registro de um momento cultural brasileiro. E ainda: “São cartas que pendulam de um tom professoral a uma revelação íntima, de uma postura crítica e construtiva a uma dilacerante dialética entre a vida e a morte (doença)”⁹. Trataremos, sobretudo, a seguir, nas cartas selecionadas no acervo de Osvaldo André de Mello, dos trechos em que dá o registro de um momento cultural brasileiro, o do poeta e seu entorno, e, mais, daqueles em que se percebe da parte do missivista uma intenção pedagógica (professoral?), como forma de contribuir para o aperfeiçoamento do poeta iniciante. Nesse sentido, teve papel significativo o Movimento Agora, fundado em 1967, graças ao idealismo de Lázaro Barreto, Sebastião Benfica Milagre e

⁶ GALVÃO, 1998, p.156.

⁷ BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 97.

⁸ BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 108.

⁹ ANDRADE, 1983, p. 13.

Fernando Teixeira, entre outros. Vários elementos ligados ao Movimento, citados recorrentemente nas cartas que serão apresentadas a seguir, alcançaram sucesso estimulados pelo jornal literário *Agora*, de Divinópolis.

2. O “Movimento Agora”, sua importância e repercussões

Autores como Adélia Prado e Lázaro Barreto viram-se editados por uma respeitada editora que é a “Vozes”, de Petrópolis. Osvaldo André de Mello, estimulado por numerosos prêmios obtidos desde o início da adolescência, lançou, aos dezenove anos, seu livro de estreia, sugestivamente intitulado *A Palavra Inicial* (1969), garantindo desde logo um lugar de destaque entre os valores jovens de Minas Gerais. A crítica nacional lhe rendeu elogios que se estenderam a Portugal, “Diário de Lisboa” e “Jornal do Algarve”, bem como nos Estados Unidos, na Revista *Books Abroad* e, na Espanha, jornal literário *El Astillero*. Esses são exemplos das realizações do “Agora”.

Nomes como o de Waldyr Caetano e outros são alguns, além dos citados anteriormente, que o “Agora” descobriu e divulgou. Por outro lado, o Movimento conseguiu atrair para o seu meio Bueno de Rivera, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, Elias José, Mário de Oliveira, dentre outros.

Vários dos nomes acima citados, senão todos e mais alguns figuram nas obras ou na correspondência do poeta, justificando a ligação entre eles, seja através do Movimento, seja através da arte.

Não há como negar que o “Agora” trouxe à tona talentos que existiam e estavam latentes, marcando, dessa forma, a vida literária e artística de Divinópolis e fazendo com que a cidade viesse a se tornar respeitada como um dos núcleos culturais mais importantes de Minas Gerais.

Conhecido dos escritores de Minas Gerais e do Brasil, José Afrânio Moreira Duarte foi contista, ensaísta, crítico literário, entrevistador e poeta. Ele apresenta suas considerações acerca do jornal literário e sinaliza positivamente para os jovens escritores, como pode ser visto a seguir:

Belo Horizonte, 4-3-68

Caro Oswaldo,

(...)

Espero que o “Agora” não fique estagnado e que volte a circular, ainda que sua periodicidade não seja mensal, mas bimestral ou trimestral. Ou até mesmo que fique na base do jornal uruguaio “EL CHÚCARO” que “Aparece cuando sale y sale cuando puede”. O importante é não parar.

Leio e releio seus poemas enviados com a carta. E cada vez gosto mais de “Igreja do ó” em que você revela mais seu talento de poeta e uma extraordinária capacidade de síntese. Porém os outros trabalhos são também bons. Só não gostei muito do poema que começa com “o grito ensina” – vejo que ele está de acôrdo com as tendências mais em moda atualmente porém eu não gosto muito dessas tendências, embora não as rejeite. Na poesia, prefiro o delicioso meio termo entre o tradicional e o moderno, êsse meio termo ameno e agradável que a gente encontra em Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Emílio Moura, Fernando Pessoa, Stella Leonardos e em você, do poema premiado aqui em Belo Horizonte.

Estou mesmo com muita vontade de ir a Divinópolis, exclusivamente para ver vocês, os jovens de “Agora” – Afinal, vocês não são de Cataguases mas também são azes (^)

Um abraço do

José Afrânio

Como se vê, a data da carta é anterior ao lançamento da primeira obra de Oswaldo André, que é de 1969. O comentário acerca dos poemas do escritor deve estar relacionado a produções avulsas.

Outro ponto abordado por José Afrânio e que merece nossos comentários diz respeito à alusão ao Grupo “Verde” de Cataguases. Os jovens artistas do “Agora” são comparados aos de Cataguases, município da Zona da Mata mineira, onde, em 1927, como se sabe, surgiu um dos mais significativos movimentos poéticos do período modernista brasileiro. “Os Verdes”, como se denominavam, era composto por jovens poetas, dentre os quais se destacaram nacionalmente Enrique de Resende e Ascânio Lopez. Eles alcançaram prestígio comparado ao que grandes grupos, de raízes cosmopolitas, conseguiram atingir.

Para reforçar a representatividade alcançada pelo Movimento “Agora”, transcrevemos, abaixo, um trecho da carta de Carlos Drummond de Andrade endereçada ao poeta de Divinópolis:

Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968.

Prezado Osvaldo André:

Obrigado pela remessa da coleção de “Agora”, acompanhada de carta. Não preciso dizer que um jornal desses, pelo que significa de ânsia de fazer, de manifestar-se e participar no processo cultural, merece toda a simpatia.(...).

Cordialmente, o abraço de

Carlos Drummond de Andrade

3. O autor e a recepção crítica

Várias são as manifestações que dão notícias da publicação do primeiro livro de Osvaldo André. Podemos citar nomes como o de Adão Ventura, Ascendino Leite, Blanca Lobo Filho, Carlos Drummond de Andrade, Edgard Pereira Reis, Francisco Iglésias, Hélio Teixeira, Jerry R. James, Luis da Câmara Cascudo, Martins de Oliveira, Massaud Moisés, Nélida Piñon, Nelly Novaes Coelho, Oscar Kellner Neto, Osman Lins, Rosário Fusco, Stella Leonardos Cabassa, dentre outros. Também os livros posteriores serão objeto de elogios, como se vê em cartas de Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila, Lázaro Barreto, Lacyr Schettino, Elias José, Márcio Almeida, novamente Drummond (referindo-se com agrado à apresentação “lúcida” de Henriqueta Lisboa ao segundo livro), Yeda Prates Bernis, José Afrânio, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, e tantos outros.

A recepção crítica de *A palavra inicial* (e de outros livros do autor), tal como a vemos nas cartas de que daremos notícia a seguir, é das mais acolhedoras. Mesmo se levarmos em conta o caráter “educado”, “generoso” de tal tipo de recepção, sobretudo se feita por amigos, ou por escritores de maior renome que procuram com suas palavras estimular o escritor que estreia nas letras, pode-se perceber no conjunto das manifestações de que aqui trataremos uma admiração sincera pelo jovem poeta de Divinópolis, capaz de escrever um livro não tão “iniciante” assim, como o título do livro sugere. Chama a atenção nesse conjunto de cartas a presença acentuada de escritores mineiros consagrados, dos quais muitas obras ocupam as prateleiras da biblioteca do

autor, sugerindo leituras até certo ponto inspiradoras de temas e escolhas poéticas de natureza variada.

Como ressalta Hans Robert Jauss (2002), em sua teoria da “estética da recepção”, as leituras das obras variam conforme a época em que são feitas, e para isso o “horizonte de expectativas” do leitor, um dos conceitos-chave de sua teoria, é fundamental para a avaliação das mesmas. Partindo de uma perspectiva dialética, as leituras de uma obra de arte constituem um intercâmbio de experiências, um jogo de perguntas e respostas.

É de se pensar, pois, que a obra de Osvaldo André de Mello encontrou, dentro de certo horizonte de expectativas da época, uma boa receptividade nos leitores/críticos de seu tempo. Por outro lado, se pensarmos nas leituras feitas pelo poeta analisado, também ele sujeito a essa troca dinâmica que se faz no ato de qualquer leitura, podemos conjecturar que, tanto as obras daqueles escritores, presentes em sua biblioteca, e de que ele se diz, abertamente, admirador, como as cartas recebidas sobre seus escritos, terão permanecido como referência substantiva para sua obra e terão tido seu peso na construção de seus livros. Temas, lembranças, traços residuais de versos, visões de mundo se mostram, nem sempre veladamente, nos versos do poeta de Divinópolis, confirmando o diálogo intertextual.

Sobre o primeiro livro, *A Palavra Inicial* (1969), obedecendo a uma ordem cronológica, começamos com a carta de Hélio C. Teixeira, poeta, crítico literário desde a juventude, no Rio de Janeiro, e jornalista literário muito respeitado, que escreve extenso texto contendo as suas impressões sobre *A Palavra Inicial* (1969):

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1969

Caro poeta Osvaldo André de Mello:

Acabo de receber um exemplar do seu livro “A Palavra Inicial” e vejo que, hoje, você completa dezenove anos. Felicito-o, pois, sinceramente e faço votos para que você, durante o longo tempo de vida que tem pela frente, continue fiel ao seu ideal de arte que já é autêntico.

(...)

“A Palavra Inicial” constitui, no entanto, uma realidade merecedora de incentivo. Nesse livro, um poeta autêntico já se revela. (...) E o principal já possui: o dom da poesia. Já sabe captar e transmitir o encantamento e o mistério das coisas imponderáveis que escapam à percepção das pessoas comuns. Já penetra no mais fundo sentido das idéias para expressá-las em sua mensagem. (...), consegue demonstrar verdadeira força de sua capacidade criadora, como nos poemas “A Tarde”, “Ao Desconhecido” e “Lição de Pedra”, que são, a meu ver, os três pontos mais altos de “A Palavra Inicial”.

Nesses poemas, você pôde realizar autêntica poesia moderna, livrando-se do exagero e da extravagância que muitos confundem com técnica modernista. Saiba, pois, que sobriedade e equilíbrio são indispensáveis a qualquer expressão de arte, seja ela moderna ou tradicional. A tendência do artista poderá obedecer a esse ou àquele processo, mas o resultado de sua atividade terá sempre que ser equilibrado e sóbrio, para não fugir aos princípios da estética, sem os quais não se consegue realizar a verdadeira arte reveladora da beleza pura. (...)

Como se vê, não importa ser moderno ou tradicional. O que importa é ser autêntico e fiel à arte pura. É passageira a fama dos que obtêm renome à custa de extravagâncias. O tempo logo os põe no esquecimento completo. Os valores genuínos é que passam à posteridade. E todo espírito consciente não se submete aos caprichos da moda. Atende, isto, sim, aos imperativos da razão, colocando, acima de tudo, as regras eternas do bom gosto que, no terreno da arte, conduzem o artífice à beleza ideal. E, sem essa beleza, não existe arte.

Prezado poeta, aí estão as palavras sinceras que eu tinha para dizer-lhe, depois da leitura atenta do seu livro. Prossiga no rumo que escolheu, de acordo com a mentalidade nova de nossa época, mas fiel sempre a você mesmo, ao seu ideal, de arte, receba o mais cordial abraço do amigo e admirador

Hélio Teixeira

Percebe-se, na correspondência acima, a presença de uma aula de poesia. A próxima correspondência é de Adão Ventura, poeta renomado e um dos fundadores do *Suplemento Literário de Minas Gerais*:

Prezado Poeta

Osvaldo André,

é com muita satisfação que hoje venho agradecer a você, o “a palavra inicial”.

- Pude observar no decorrer da leitura de seus poemas, a autonomia e a independência que você possui quanto ao manejar verbal.

- Outro fator importante que você também sustenta é a intensidade – unidade e a harmonia na escolha e na disposição dos poemas apresentados.

- Que você prossiga cada vez mais X +, contribuindo para o enriquecimento da poesia nacional.

Um abraço sincero do amigo

Adão Ventura

9/9/69 BHte

Mais uma vez, Drummond escreve ao poeta, agora motivado pela publicação de *A Palavra Inicial* – correspondência mencionada na Introdução deste trabalho:

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1969.

A Osvaldo André de Mello,

Meu agradecimento pela gentileza da oferta de A Palavra Inicial, que abre de maneira expressiva a sua caminhada na poesia.

Cordialmente,

Carlos Drummond de Andrade.

A próxima carta a ser transcrita é da ensaísta, crítica literária e professora Nelly Novaes Coelho, datada de 8 de novembro de 1969. É mais uma confirmação de que a *Palavra Inicial* circulou em mãos de importantes e competentes personalidades do meio literário. Segue-se o texto:

São Paulo, 8 de novembro de 1969

Ao Poeta

Osvaldo André de Mello,

Muito grata pela simpática e honrosa oferta de seu livro, A PALAVRA INICIAL, aqui lhe deixo meu aplauso e sinceros votos de que ele tenha uma carreira fecunda e feliz. Embora rapidamente, passei os olhos pelos poemas cuja fôrça poética sente-se desde logo. Serão eles matéria de estudo, próximamente, quando dentro de meu plano de estudos chegar a “hora e vez” dos poetas novíssimos que me têm chegado às mãos.

Com meus cordiais cumprimentos,

Nelly Novaes Coelho

A segunda obra publicada por Osvaldo André de Mello é *Revelação do Acontecimento* e é também foco das correspondências. Escolhemos a de Laís Correa de Araújo Ávila, poetisa, escritora e jornalista. Ao lado do seu marido, o poeta Affonso Ávila, Laís C. Araújo exerceu grande influência no meio literário de Minas Gerais, como ensaísta, poeta e editora do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, além de titular da coluna *Roda gigante*, publicada regularmente durante muitos anos no jornal *Estado de Minas*. A sua crítica é firme e pormenorizada, passando pela parte gráfica até chegar aos versos de Osvaldo André.

Beagá, 10/6/74

Oswaldo André

Nem bem recebi o seu livro, já lhe escrevo, mas não só para agradecer como pra botar a minha colher torta no seu angu. Vou por partes. Aspecto geral do livro - muito bom. Talvez se a capa fosse em cores, ficasse mais atrativa.(...) Mas o teu está bastante bom; a impressão, dentro, também melhorou consideravelmente. (...)

Quanto à substância – assustou-me um pouco a primeira parte, pela dramaticidade que você assume, pela impressão tensa que nos transmite, uma apreensão da realidade que me parece pouco normal na sua idade, embora comovente pelo testemunho humano que nos dá. A própria escolha da epígrafe é uma perigosa aproximação com uma poeta que, essa sim, por razões que não vale a pena saber, foi sempre usada pelas lágrimas. Mas ao jovem Adônis, ao belo e tranquilo Oswaldo, o “sentimento de mundo” não deve tocar. Para a sua poesia, acredito sinceramente, não cabem “as palavras velhas”, que nem devem ser “reconsideradas” nem “reinventadas”, esse sentimento da “própria destruição verbal”. Nós, os velhos, já cansados de tentar encontros e realizações, isso seria compreensível. Não, mas lhe perdôo uma sensibilidade tão capaz de flagelar-se na identificação com o outro. Por isso – e talvez também por motivos simplesmente críticos

– parece-me a segunda parte muito mais você, com outra e diferente força de expressões, não mais no por dentro e bem mais no por fora, isto é, no aspecto propriamente criativo do texto. “Escavações no soneto”, “O cabide”, “Roteiro de ida a Catas Altas” são poemas que se mantêm por si, independentes dessa empatia que se supõe necessária a produtor/consumidor.

Talvez essa minha mania de “palpitar” sobre trabalhos alheios (defeito de muitos anos de ofício crítico) esteja errada. Mas se v. permite a minha idade e experiência – coisas que os jovens detestam! – alguma ressalva eu lhe diria, direi, já disse, que é nessa segunda e mais rigorosa etapa que v. legisla melhor a sua poesia. Outra coisa que acho extremamente perigosa é que v. tem um talento muito versátil e deve ser constantemente tentar a fazer demais. A cada dia me convenço que a poesia é extremamente exigente e a opção por essa arte de loucos é extremamente dolorosa. Não há o que ganhar com a poesia. Não falo, é claro, de ganhar materialmente; isso é ponto passivo. Mas de que se perde de nós mesmos, da gente como ser, da gente como vida, em cada poema escrito, “a cada poema concluído nesta ânsia”. De Lautreamont: “estamos neste navio sem mastro para sofrer”. É duro. Daí que a poesia quase laboratório, a experiência e o jogo (com palavras ou outros materiais) me pareça a única possível em nosso tempo. O mundo capitulou diante de si mesmo. É difícil entrar nessa jogada de desespero. Tiremos do corpo, como roupa velha e gasta, a nossa sensibilidade!

Agora vejo que estou amargurada e transmitindo a v. esta amargura. Desculpe. Tudo é mesmo velhice, que v. deve desprezar e esquecer. Para a frente, Oswaldo.

Meu abraço, Laís.

Mesmo confirmando o amadurecimento do poeta, Laís Araújo, homenageada com a epígrafe mencionada – ela “sempre usada pelas lágrimas” – sente-se à vontade para, como ela mesma disse, “botar a colher torta no angu”. Apesar de algumas ressalvas feitas, acreditamos que em nada desmerece a poesia de Oswaldo, demonstrando sobretudo atenção e dedicação à leitura que

lhe foi oferecida, além de, acreditamos, apresentar a visão de escritora mais experiente.

Com relação ao terceiro livro do autor, *Ilustrações* (1996), abrimos espaço e damos destaque a três correspondências. A primeira é de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, eleito três vezes prefeito da cidade de Ouro Preto e presidente da Associação Brasileira de Cidades Históricas, além, é claro, de autor da apresentação à citada obra.

Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 18-VI-96

Prezado Osvaldo André,

envio-lhe o texto de apresentação. Em meio à correria do final de meu governo, consegui produzi-lo para não deixar de atender sua simpática solicitação. É bom rever, com você, nossas cidades históricas. Espero que seja do seu agrado e possa ser aproveitado como você achar melhor – orelha ou introdução. Com minhas congratulações pela obra e pela volta ao livro, o abraço cordial do

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos

P.s. Devolvo-lhe os originais pois você pode precisar deles.

O texto escrito por Ângelo Oswaldo apresenta os novos poemas de Osvaldo André de um modo bem especial – através da Paixão de Minas. Vamos a ele:

A Kodak excursionista dos primeiros modernos revelou, na década de vinte, a poesia das velhas cidades mineiras. Andar pelas Minas Gerais do ouro e dos diamantes é acumular visões de poesia como nas seqüências de cinema. Lavrada em solenes frontispícios ou e, em retábulos delirantes, plasmada na paisagem, entrecortada em ângulos surpreendentes, suspensa nos morros e derramada no cascalho, essa poesia visual de Minas provoca o texto como o desafio que o minério propõe ao garimpeiro e ao ourives. Incita-o. E o faz ganhar a página branca, tornando o poeta um “ilustra-dor” instigante, um criador de ícones.

A poesia se faz palavra fotográfica (*luz escrita*, literalmente) nas imagens que o poeta retira dos impactos surgidos ao longo do caminho. Ouro Preto, Mariana, Catas Altas do Mato Dentro, Caraça, Tiradentes, Serro, Minas Novas estendem o périplo no mapa de Osvaldo André.

Mineiro de Divinópolis, ele perlustrou esses cenários ancestrais para recolher as contemplações que compõem este volume. Transforma sua volta ao livro, treze anos depois do último lançamento, no colóquio verbo-visual entre a Minas que se vê e a que se lê.

A emoção do poema e o alumbramento da imagem se fundem no trabalho do autor, que documenta, registra, mas também perquire e convoca a essência da vertigem visual dos espaços históricos.

Osvaldo André de Mello, viajor das Minas, não enfeixa estes poemas como a flor de olvido entre as páginas de um livro. Entrega-os como o código do cartógrafo de territórios a serem desvelados. O leitor os receberá como senhas do país que se eleva diante de si muitas vezes despercebidamente.

Com olhos de ler e ver, vamos reviver a paixão de Minas na viagem a que nos conduz o poeta.

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Ouro Preto, novembro de 96.

Minas é “fotografada” por Osvaldo André e colocada à disposição daqueles que veem e leem com a emoção, como confirma Ângelo Osvaldo.

Como dito anteriormente, o livro em destaque privilegia o espaço e a visualidade das velhas cidades de Minas do ouro e dos diamantes. Surgem paisagens dos espaços históricos, o que talvez tenha proporcionado ver Minas através dos olhos do poeta e sentir “identidade” nas citações.

As duas outras cartas datam, coincidentemente, de 27 de fevereiro de 1997. Começamos pela de Yeda Prates Bernis, poetisa de Belo Horizonte, que estudou Letras, canto e piano e possui poemas traduzidos para o italiano, inglês, espanhol, francês e húngaro.

Amigo Osvaldo André
Muito bonito, seu livro *Ilustrações*.
Nunca é demais se cantar Minas, se chorar Minas, se perder de amor por Minas.
Você fotografa emoções advindas do belo, do que existe e do que se perdeu, em roteiro – místico e mítico- de ouro, sol, nuvens e lágrimas.
Este é um livro para viajar nele, minerando em poesia os diamantes que seu talento e sua sensibilidade nos ofertaram.
Gratíssima,
Yeda

As palavras de Yeda Bernis confirmam a nossa afirmação de que *Ilustrações* traz fotografias poéticas de Minas, fazendo com que a mineiridade se apresente através da apreensão plástica e sensorial.

A outra missiva é assinada por Laís Corrêa de Araújo, que acrescenta, de forma atenciosa, o nome do seu marido, Affonso Ávila, no fecho. Num tom diferente da carta anteriormente enviada, a escritora e poeta agradece o “belo presente” que fora enviado.

Beagá, 27. 2. 97

Oswaldo André

Sob a barreira das águas, a porta de Ouro Preto desapareceu sufocada. As letras pungentes “Minas não há mais” pautam o som das almas dos inconfidentes que “vagam pelas ruas e gritam de mudez espectral”. Tremem as texturas dos ossos antigos em lajes inseridas e pisoteadas nas igrejas. Estamos voltando, tristes, de passeio por aí.

Mas encontramos e sabemos que subsistem os poetas nunc et semper – segurando a verdade pesada dos púlpitos e imagens e anjos para aliviar o sobressalto dos “guardiões das chaves de Minas. Poetas como Oswaldo André de Mello em suas “Ilustrações” – traços limpos de novo cinzel modelando a utopia e coragem de criar. Simples, quase totalmente retos nas suas volutas de fantasmas? Artistas anônimos? Sedução? Íntimo passado presente?

Obrigados somos – ler e entender as senhas de seu livro, manual de redescoberta, sinais do formão de poeta e “cata do oculo” sempre visível para o olhar do viajante: “nada menos visão.”

Belo presente recebemos,
Laís e Affonso

Como pode ser comprovado, a uma análise mais atenta, toda a correspondência apresentada neste trabalho é relevante para construção do perfil poético e artístico de Oswaldo André de Mello além, é claro, de esclarecer pontos porventura ainda obscuros na sua obra.

Entendemos que, com um trabalho voltado para as fontes primárias, caminhamos para a revitalização do texto literário. Como nos lembra Souza, os acervos dos escritores estão eivados de material de grande relevância – correspondências, entrevistas, biblioteca, etc. Sendo assim, construímos, a cada momento, o nosso objeto de estudo, ao lidarmos com os arquivos (SOUZA, 2011, p.41).

Ao examinarmos o acervo dos escritores, com as obras que o compõem e elegermos o material para análise e o método a ser adotado, marcamos ou apontamos para a crença de que é preciso transitar pelo público e pelo privado, ou melhor dizendo, pela junção dos dois. Segundo Eneida Maria de Souza:

O comportamento do crítico que se interessa pelos manuscritos e bibliotecas autorais se pauta ainda pela lição de Walter Benjamin,

autêntico e apaixonado colecionador de livros. Rodeado de mil tomos, de variada literatura, afirmava que o bibliófilo, ao adquirir um livro velho, assumia o poder de lhe dar nova vida. Na sua obra, Benjamin repete o processo revitalizador do bibliófilo, transformando-se em colecionador de citações, arrancando os fragmentos de seu contexto e os organizando numa forma nova, sempre arbitrária e nunca definitiva. Lê e coleciona, desloca a tradição, por um processo simultâneo de conservação e destruição. Amplia este raciocínio para ambiente privado do burguês, o qual se afasta do espaço público e transforma sua casa – espaço privado e afetivo – em santuário, lugar propício à criação da privacidade. A biblioteca atua como materialização dessa privacidade, por se erigir como lugar de encontro do colecionador com seu universo de lembranças e de objetos auráticos, sejam eles de qual natureza for¹⁰.

A partir do pensamento acima podemos, ainda, dizer, chamando à discussão Edgar Morin, que a sociedade é o resultado das interações entre indivíduos. Essas interações criam uma organização que possui características próprias como a cultura e a linguagem que, por sua vez, atuam sobre os indivíduos, criando a sociedade. Ou seja, “os indivíduos produzem a sociedade, que produz os indivíduos”¹¹.

É pertinente citarmos também Antonio Candido e a sua *Formação da Literatura Brasileira*, publicado pela primeira vez em 1959, em que o autor menciona a existência e a importância da sociabilidade ou rede entre escritores. De acordo com Candido, para haver literatura é necessária a construção do que ele chamou de sistema ou “Sistema Orgânico Literário”, como nos esclarece o Professor Flávio Leal (2011):

A *Formação*, com seu arcabouço teórico, realiza uma distinção entre as *manifestações literárias*, termo caro e já fixado por José Aderaldo Castelo em sua *Presença*, e o próprio conceito de *Literatura*, que será entendido por Candido como um *sistema* com sua *organicidade*, ou seja, a Literariedade dos textos estará não mais no aspecto imanentista de cada obra, mas sim em sua relação de existência na sociedade e seus aspectos de *produção*, *recepção* e *tradição* que farão a obra como objeto existente em um sistema articulado por uma tríade dinâmica e histórica (autor-obra-público)¹².

¹⁰ SOUZA, 2011, p.44-45.

¹¹ MORIN apud SCHNITMAN, 1996, p. 48.

¹² LEAL, 2011.

Para a existência da literatura, é preciso que produtores literários, receptores e mecanismo transmissor estejam interligados, o que justifica a afirmação de que autores de ontem dialogam com autores de hoje e dialogarão com os que ainda nascerão. Visões do mundo, escolhas estéticas, assuntos, estilos, tons. As aproximações ou confluências são múltiplas. Não existe poeta que não converse suas intimidades com outras várias.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz*. Cartas a Pedro Nava (1925-1944), escritas por Mário de Andrade. Fernando da Rocha Peres (Org). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. *Machado de Assis: uma viagem à roda de livros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. À Margem da Carta. In: *Desconversa* (ensaios críticos). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- LEAL, Flávio. *A historiografia literária brasileira: História e Perspectivas*. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero34/hisliter.htm>. Acesso em: 24 out. 2011.
- MELLO, Osvaldo André. *A palavra inicial*. Divinópolis: Movimento agora, 1969.
- MELLO, Osvaldo André. *Revelação do acontecimento*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1974.
- MELLO, Osvaldo André. *Cantos para flauta e pássaro: 3 estudos de poesia*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1983.
- MELLO, Osvaldo André. *Meditação da carne*. Belo Horizonte, 1997.
- MELLO, Osvaldo André. *Ilustrações*. 2 ed. Divinópolis: Sidil, 1998.
- MELLO, Osvaldo André. *As mesmas palavras*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2012.
- QUEIROZ, Maria José de. Prefácio In: BARBOSA, Rui. *Cartas à noiva/ Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: Civilização Brasileira, 1982.

SCHNITMAN, Dora Fried. (Org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Alba Valéria Niza Silva é doutora em Letras pela PUC Minas (2013); mestre em Letras - área Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas (2007); graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (1998). Atualmente, é professora da graduação e do Programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE, ocupando também o cargo de Coordenadora Didática do Curso de Letras Português/Espanhol desta e professora do curso de Pedagogia do INCISOH, de Januária - MG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura infanto-juvenil, poesia e letras.